

FH está entre Salinas e Clinton

O presidente Fernando Henrique Cardoso anunciou que neste ano jogará o governo numa ofensiva de obras sociais. É comum que promessas desse tipo cheguem com o ano novo, mas é confortante ouvi-las.

O desempenho social do governo Fernando Henrique é contraditório. Produziu resultados excepcionais mantendo a estabilidade da moeda. Dela decorreu um clima de competição empresarial que resultou em comida barata sem qualquer tipo de subsídio. Num país em que se associa a idéia de vida melhor para o pobre a gastos governamentais, conseguiu-se manter o quilo do frango a R\$ 1,50 por meio dos simples mecanismos do mercado (uma padaria da Rua Barata Ribeiro, em Copacabana, vende o frango assado a R\$ 2,30).

Dizer que Fernando Henrique não fez nada na área social é um erro. Dizer que fez o que prometeu, um exagero. É razoável esperar que faça mais, mas talvez seja mais construtivo indagar como, até porque o dinheiro público é curto e curto haverá de continuar.

Numa proposição um pouco covarde, mas ainda assim verdadeira, Fernando Henrique Cardoso tem dois paradigmas à sua frente. Um é o da Presidência de Carlos Salinas de Gortari no México (A covardia está no fato de que se sabe como ela acabou). Salinas conduziu um projeto de modernização em que havia lugar marcado para todos os grandes atores do cenário mexicano. O governo ficaria menor. Os empresários, mais fortes. Os empresários ligados ao PRI (o PFL que deu certo), mais fortes e mais ricos. Os investidores estrangeiros, mais felizes.

Enquanto seu projeto ficou de pé, foi elogiado pelos sete mares e mesmo admitindo-se que muitos banqueiros internacionais elogiam os governos que lhes abrem os cofres, é justo reconhecer que havia alguma satisfação intelectual naquela euforia. O presidente do Citibank, John Reed, não é um gravatão qualquer. Quando ele via no presidente mexicano "um exemplo de seriedade, energia e firmeza", estava falando sério.

O projeto de Salinas de Gortari ruuiu por conta de inúmeras circunstâncias, mas seu completo desabamento se deveu ao fato de que na platéia da Modernidad não havia lugar para o povo mexicano. Que hoje ele esteja vivendo em Cuba com a namorada como medida preventiva caso a polícia americana queira pegá-lo para sa-

ber algumas cositas a respeito do narcotráfico, chega a ser irrelevante. Ele poderia ter sido um varão de Plutarco e ainda assim o México estaria desgraçado.

O segundo paradigma diante de Fernando Henrique Cardoso se chama Bill Clinton. Seu governo ia tão mal que pela primeira vez em 30 anos o Partido Republicano conseguiu fazer maioria no Congresso. O plano modernizador de Clinton, com suas infovias e saltos tecnológicos, resultou em pura demagogia eleitoral. É verdade que o presidente americano luta como um tigre na defesa dos interesses das empresas que vendem tecnologia de ponta (como a Raytheon, do projeto Sivam), mas daí não sai muita coisa.

Clinton chegou a ficar numa posição semelhante à dos desafiantes de Myke Tyson: apanharia até cair na eleição do fim deste ano. Nessa hora ele tomou o caminho

oposto ao de Salinas. Chamou o povo. Está combatendo as propostas de reforma da previdência e do sistema de assistência médica com o socorro da opinião pública. Ronald Reagan conseguiu,

nos anos 70, o prodígio de colecionar os votos dos pobres para executar uma política que beneficiou os ricos. Quando essa mágica parecia insuperável, Clinton foi a ela. Enfrentou a maioria republicana, paralisou o governo, encurralou o projeto conservador e recuperou a Presidência dos Estados Unidos. Sua mágica foi banal. Simplesmente anunciou que, por motivos ideológicos e políticos, não deveriam contar com ele para uma operação de desmanche do Estado Social americano. É um estado que dá pouco em dinheiro (menos do que o brasileiro) e muito em direitos (coisa que o brasileiro escamoteia). Clinton enfrentou os republicanos sem muita demagogia e sem qualquer pretensão de se transformar em Pai dos Pobres. Simplesmente recusou-se a fazer um desmanche social.

Fernando Henrique Cardoso tem muita vontade de ser Bill Clinton, mas governa como se um Salinas o atraísse hipnoticamente. A taxa de juros de seu governo custou R\$ 34 bilhões ao Tesouro em apenas dez meses de 1995. O frango ficou barato para o pobre e grátis para o rico. O dinheiro que falta aos hospitais é usado para pagar uma dívida que engorda quem vivia da inflação e agora tem o conforto de sustentar o parasitismo de seu capital com um sucedâneo que nem mal falado é.

**Um deus
certo e acabou
escondido,
o outro deus
errado e
ressuscitou**